

O turismo no meio rural representado nas festas: um estudo sobre o patrimônio imaterial das comunidades¹

Alini Nunes de Oliveira²

Maria del Carmen Matilde Huertas Calvente³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a transformação na dinâmica do espaço rural mediante a participação da população nas festas e a influência do turismo, a partir da realização destas festas nos distritos do município de Londrina/PR. A metodologia (em andamento) será composta por pesquisa bibliográfica, discussões teóricas em grupo do projeto de pesquisa de áreas afins e pesquisa de campo. Com maior expressão a partir da década de 1980, uma nova dinâmica nas relações econômicas e sociais ocorreu no meio rural brasileiro, com a combinação de diferentes atividades dentro das propriedades e a implementação de atividades não-agrícolas. Um discurso favorável às atividades que atraíam visitantes explicita isto como necessário para a diversificação na renda, agregando valor às atividades rurais cotidianas, podendo promover a valorização do patrimônio local. As características eminentes do meio rural podem tornam-se atrativas a um público que provém dos centros urbanos, em sua maioria, já que trazem um retorno (simbólico) ao passado rural, com as pequenas igrejas e museus, colheitas, festas, costumes e crenças tradicionais, artesanato e comidas típicas, entre outros. No caso das festas rurais, além do visitante entrar em contato com a cultura local, mesmo com toda a polêmica de transformar a cultura em espetáculo, a população residente pode passar a valorizar mais seu meio.

ABSTRACT

The present paper has the goal of analyzing the transformation in the dynamics of the rural space in the face of the participation of the population in the festivals and the influence of tourism, as of the carrying out of said festivals in the districts of the municipality of Londrina/Pr. The methodology (in progress) will be composed of bibliographic research, theoretic group debates on the research project of the nearby areas and field research. With a bigger expression starting in the 1980s, a new dynamics in the economic and social relations happened in the Brazilian rural area, with the combination of different activities in the properties and the implementation of non-agricultural activities. A discourse favorable to the activities that attract visitors shows that as necessary for the diversification of income sources, adding value to the everyday rural activities, enabling the increase of the value of the local patrimony. The eminent characteristics of most rural environments may become attractive to a public coming from urban centers, since they bring a (symbolic) return to the country past, with small churches and museums, harvests, festivals, traditional customs and beliefs, craftsmanship and typical food, among others. In the case of rural festivals, besides allowing the visitor to come in touch with the native culture, even with all the polemic of turning the culture into entertainment, the local inhabitants may start to value their own environment more.

¹ Pesquisa em desenvolvimento apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia.

² Mestranda em Geografia – Universidade Estadual de Londrina - email: alini_oliveira@hotmail.com

³ Professora Orientadora – Universidade Estadual de Londrina – email: huertas@sercomtel.com.br

Introdução

As festas são uma das formas mais utilizadas para expressão do cotidiano do povo brasileiro. A cultura popular representada por intermédio das festas está presente em várias regiões do país e com destaque nacional, em suas diferentes modalidades, como é o caso da Festa da Uva em Caxias do Sul/RS, Festa do Boiadeiro em Barretos/SP, Festival Folclórico de Parintins/AM, além de tantas festividades religiosas como São João em Caruaru/PE. Estas festas acontecem tanto no âmbito nacional, como já citadas, e também em âmbito regional/local como as festas rurais nos distritos do município de Londrina/PR, recorte espacial desta pesquisa.

O presente artigo tem como objetivo analisar, preliminarmente, as transformações na dinâmica do espaço rural representadas nas festas ocorridas nos distritos do município de Londrina/PR pela análise da participação da população local e também verificar a influência do turismo, mediante o fluxo de visitantes provenientes da região.

Com as modificações nas formas de produção e relações sociais ocorridas no meio rural brasileiro, especialmente a partir da década de 1980, alternativas de atividades alternativas no campo são necessárias para a complementação de renda. O turismo rural surge como uma opção de atividade não-agrícola, já que se mostrou com grande potencial para atrair visitantes, notadamente dos grandes centros urbanos. A cultura do homem do campo pode ser vista como um diferencial, assim as festas rurais podem se tornar local de expressão do patrimônio cultural imaterial.

No caso das festas rurais, além do visitante entrar em contato com a cultura local, mesmo com toda a polêmica de transformar a cultura em “espetáculo” (ou seja, manifestações acabam sendo recriadas para servir de produto turístico de determinada região, mesmo não fazendo mais parte da tradição local) a população residente pode passar a valorizar mais seu espaço de vivência.

Turismo, cultura e patrimônio imaterial

As pesquisas geográficas que têm como alvo o turismo ainda são em pequena quantidade se comparada à produção científica em outras áreas da Geografia como Urbana, Agrária, Econômica etc. O estudo do turismo pela comunidade geográfica acentua-se a partir da década de 1970, quando o fenômeno começa a tomar proporções maiores graças à prosperidade econômica que tomou os países centrais capitalistas no período pós-guerra (RODRIGUES, 2001).

Pode-se dizer que a Geografia do Turismo serve para alimentar e irrigar a reflexão geográfica para entender o fenômeno do turismo, contemplando sua natureza complexa e multifacetada, percorrendo os campos econômico, sociológico, antropológico, psicológico, cultural, político, jurídico e ideológico com significativas incidências espaciais.

Para se compreender a dinâmica do espaço turístico, é possível utilizar as seguintes categorias de análise, categorias alencadas por Milton Santos (1985): forma, função, estrutura e processo. A *forma* diz respeito ao aspecto visível, no caso, a paisagem, trabalhando com a “concretude” do espaço. Ao se tratar da *função*, têm-se elementos do espaço turístico que são oferta, demanda, transporte, infra-estrutura, serviços, gestão e *marketing*. A *estrutura* é algo maior que o estudo da forma, já que lida com a dependência entre estas partes que são extremamente necessárias para o desenvolvimento da atividade turística das localidades. E por fim, mas não menos importante, é o *processo* que objetiva estudar o dinamismo do espaço, “[...] que pode apresentar fases de estabilidade, de pequenas mudanças, ao se reestruturar ou, então, passar por completas transformações, produzindo-se novos espaços” (RODRIGUES, 2001, p. 50).

O turismo vem sendo difundido em vários meios de comunicação, por diferentes povos, em diferentes lugares, podendo trazer tanto benefícios como também impactos negativos para várias localidades. Em razão disto, muito tem se falado sobre o tema, mas, muitas vezes, o assunto é abordado de maneira errônea. Assim, o entendimento da abordagem é fundamental para que a atividade se desenvolva da melhor forma e para que as discussões acerca do turismo possam ser realizadas.

No estudo do turismo o pesquisador se depara com uma grande quantidade de conceitos e entendimentos sobre o tema; cada autor trabalha com um tipo de abordagem, seja ela influenciada pelas definições econômica, técnica ou holística. No seu estudo do turismo, Beni (2001) coloca que existem estes três tipos de definições: as definições econômicas (são aquelas que só reconhecem as implicações econômicas ou empresariais da atividade turística), as definições técnicas (são as que procuram conceituar os elementos básicos do turismo que são os turistas e os excursionistas em relação ao objetivo, duração da viagem e distância viajada) e as definições holísticas (procuram abranger a essência total do turismo).

Antes de se implantar ou estudar o turismo numa localidade, deve-se ter em mente que este pode trazer impactos positivos e também negativos para o local, tanto na economia, quanto na cultura e no meio ambiente. Segundo Becker (1999, p. 181):

O turismo é híbrido, no sentido em que ele é [...] um enorme potencial de desenvolvimento, e ao mesmo tempo, um enorme potencial de degradação do meio ambiente e mesmo social, na ausência de uma regulação adequada para o setor.

A atividade turística pode proporcionar diversos benefícios como:

- Utilização da mão-de-obra local;
- Ser uma alternativa de renda;
- Geração de empregos direta ou indiretamente ligados à atividade;
- Estímulo a uma série de atividades produtivas;
- Possibilidade de investimentos externos;
- Possuir uma função muitas vezes educativa;
- Valorização da história e cultural local;
- Estímulo à conservação das áreas naturais;
- Estimular o reflorestamento;
- Troca de experiência com os visitantes e contato com culturas diferentes;
- Maior integração da população e melhoria da auto-estima;
- Pode atingir mais facilmente a população de menor renda;
- Surgimento de atividades recreativas também beneficiando a população

local.

O turismo não só traz benefícios, como também pode trazer impactos negativos, entre os quais se podem destacar:

- Degradação dos elementos dos sistemas naturais;
- Pode ocorrer um processo que uma cultura (a dos visitantes) se sobreponha à outra (a cultura local);
- Diminuição da segurança pública quando a atividade turística cresce de forma descontrolada;
- Encarecimento do custo de vida;
- Diversos tipos de poluição;
- Mudanças administrativas municipais trazem desperdício dos recursos, porque muitos projetos iniciados pela administração anterior não são concluídos pela gestão atual;

- Falta de apoio do poder público e da iniciativa privada, pois, muitas vezes, não crêem no potencial turístico que a cidade possui;

- Falta de qualificação de mão-de-obra; pela precariedade na educação para a preparação escolar para o turismo;
- Podem ocorrer problemas em relação à sazonalidade com a água e energia elétrica, entre outros.

Para parcela da bibliografia consultada, há diferença entre os praticantes de turismo e de excursionismo. Alguns autores escrevem que no turismo o usuário realiza pelo menos um pernoite, ou seja, permanece mais de 24 horas no local visitado. Já excursionismo seria a atividade exercida num período inferior a 24 horas no local que não seja de sua residência fixa ou habitual, com as mesmas finalidades do turismo, mas sem pernoite (ANDRADE, 2001).

Neste artigo, será utilizado apenas o termo turismo, já que a diferenciação de definições (turismo e excursionismo) ainda não é muito usada na prática diária da atividade turística no Brasil e o artigo vai abordar uma pesquisa ainda em andamento.

Um dos atrativos para o desenvolvimento do turismo pode ser a cultura de um povo. O turismo se apropria das manifestações culturais em suas diversas formas como atrativo, assim como os agentes culturais também se utilizam do turismo para intensificar sua demonstração e buscar promover a sua localidade.

A cultura, segundo Corrêa (1999) é um conjunto de técnicas, saberes, atitudes, idéias e valores, apresentando componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos, que são transmitidos e/ou inventados, formando sistemas de relações entre os indivíduos, mas expressos diferentemente por cada um. Os valores e crenças são expressões que permitem compreender como certos grupos sociais se organizam no ambiente em que vivem.

Que elementos da cultura sejam conservados, em se tratando de aspectos materiais e imateriais, depende, em grande parte, da vontade de seus praticantes e também do interesse das entidades em tombá-la como patrimônio. O patrimônio é no qual ainda sobrevive muito da cultura de uma nação. Segundo Figueiredo (2005, p. 44):

A palavra patrimônio deriva do vocábulo latino pater, pai, não no sentido de genitor, mas de uma figura jurídica definida pelo antigo direito romano, como o senhor, o chefe que detinha propriedade privada sobre a terra e sobre tudo que nela habitava. Patrimônio então é o que pertence ao pai, à pátria, termo que já era utilizado antes da invenção histórica do Estado-nação. O que supõe, nas políticas sobre o patrimônio, a apropriação, por parte do Estado, de bens que carregam algum valor simbólico para a coletividade, sendo representativo de uma época, grupo ou cultura.

Fazem parte do patrimônio cultural tanto as manifestações culturais materiais (monumentos, obras de arte, cidades, objetos pessoais de celebridades etc.) quanto as manifestações culturais imateriais (saberes, músicas, festas, danças, crenças etc.). O patrimônio é construído socialmente e tem a participação tanto do saber erudito, como do saber de grupos populares. E cada localidade possui sua singularidade como marcas da diferenciação. O turismo capta essas características para torná-las parte da oferta do mercado.

Entretanto, a atividade turística pode propiciar o enriquecimento cultural por meio do contato entre diferentes realidades: sensações, experiências, ambientes e paisagens, ou seja, uma vivência diferente da habitual. Na relação entre a população rural e a população urbana pode haver trocas simbólicas de “condições de vida”. Isto acontece desde que o turismo seja “[...] implementado com muito cuidado, pois deve procurar revalorizar o cotidiano da localidade e não inventar uma manifestação cultural para mostrar ao turista” (BATISTA, 2005, p. 31).

Desta forma, a festa é um espaço de adensamento de trocas simbólicas, já que articula os diferentes atores que dela participam, marcando a importância dos lugares associados às tradições vernaculares e à história espacial (FERREIRA, 2003).

Conforme Bezerra (2008), por intermédio das festividades são celebradas as experiências e as representações identitárias locais, sendo uma das formas de afirmação das particularidades/singularidades, implicando numa redefinição das espacialidades e temporalidades das formas de festejar. É durante as festas que as pessoas atingem um alto grau de sociabilidade, ao mesmo tempo em que mostra a relação que estas têm com o seu meio, refletindo o que pensam e sentem, valorizando mais ou menos certos lugares.

Elementos da cultura passam a ser utilizados como recurso, sendo apropriados por processos de mercantilização, como forma de delimitar a singularidade regional/local ante a globalização. As festas, como uma das expressões da cultura de um povo, muitas vezes acabam sendo recriadas para servir de produto turístico de determinada região, mesmo não fazendo mais parte da tradição local ou em outros casos sendo “espetacularizada”, como foi o caso do Festival Folclórico de Parintins, relatado por Pimentel (2001).

A festa gera a concretização de determinada identidade, pelo compartilhamento dos símbolos e significados que cada indivíduo possui em relação ao seu meio, ou seja, é o resgate da memória em relação ao tempo e espaço social (BEZERRA, 2008). A relação existente entre as comunidades e seu ambiente pode ser mediada pelas festas, por ser um momento de cooperação entre todos os envolvidos, objetivando um bem maior que é a satisfação coletiva.

Com o processo de modernização do campo houve modificações nas formas tradicionais de vida, em virtude dos processos que visam transformar todos em consumidores. Por outro lado, diante desta realidade na qual tiveram alterada sua cultura, essas populações vão criando maneiras de se reunir e resgatar sua identidade (REICHERT, 2001). O resgate de sua identidade e das manifestações culturais contribui para o desenvolvimento do turismo, na contradição já explicitada.

O turismo em face das mudanças no meio rural brasileiro

Mais expressivamente a partir da década de 1980, há alterações na dinâmica das relações econômicas e sociais que afeta o meio rural brasileiro, modificando a estrutura agrícola. Graziano da Silva (1997) ratifica isto dizendo que não se pode mais descrever a dinâmica do rural brasileiro como determinada exclusivamente pelo seu lado agrário, uma vez que surge um conjunto de atividades não-agrícolas que responde cada vez mais pela nova dinâmica populacional do meio rural.

As transformações no espaço advindas das novas tecnologias resultam em novas formas de organização da produção, afetando diretamente o campo mediante o processo de industrialização da agricultura. A diferenciação entre meio urbano e rural diminui, acarretando na desmistificação do urbano relacionado ao “novo”, “moderno”, “artificial” e “progresso” e ao rural o “atraso”, “arcaico”, “natural” e “pobreza”. Alentejano (2000, p. 103) confirma existência desse estereótipo e que características como o “[...] isolamento, visão de mundo provinciana e relações interpessoais restritas, porém densas, atribuídas ao rural, são hoje também altamente questionáveis”.

O crescimento da mecanização no campo e a automação das atividades agrícolas proporcionaram às unidades familiares se individualizarem em relação à gestão produtiva da propriedade, fazendo com que alguns membros da família procurem fora da localidade outras atividades; e os trabalhadores autônomos reduziram seu tempo dedicado às atividades agrícolas para buscar rendimento e aumento no nível de renda em outras atividades (GRAZIANO DA SILVA, 1997).

Esta modificação é multidimensional, ou seja, deve ser vista pelas diversas óticas, incluindo-se as formas de produção, circulação e consumo. Aspectos tais como formas de ocupação e emprego merecem ser destacados, já que é crescente o número de atividades

não-agrícolas, deixando de ser exclusivamente agrário. Dentre as ocupações não-agrícolas encontram-se a prestação de serviços por meio da venda da mão-de-obra como pedreiro, motoristas, caseiros e também relacionadas às dinâmicas imobiliárias como residências de campo e serviços ligados ao lazer. Há assim “[...] o desenvolvimento de novas atividades empregadoras no espaço rural que, às vezes, possuem pouca ou nenhuma ligação direta com a agricultura” (SCHNEIDER; NAVARRO, 2008, s/p).

As atividades agrícolas tradicionais não têm conseguido proporcionar grandes rendimentos às famílias, assim, surge outra dinâmica que é chamada de “novas atividades rurais”, como pesque-pague, fazendas de caça, criação de plantas ornamentais e animais exóticos, entre outros, conforme exemplifica Graziano da Silva (2008). Neste quadro, a sociedade depara-se com um processo conhecido como pluriatividade, podendo ser definido como um fenômeno:

[...] que pressupõe a combinação de duas ou mais atividades, sendo uma delas a agricultura, em uma mesma unidade de produção por indivíduos que pertencem a um grupo doméstico ligado por laços de parentesco entre si, podendo a ele pertencer, eventualmente, outros membros, que compartilham entre si um mesmo espaço de moradia e trabalho (não necessariamente em um mesmo alojamento ou habitação) esse identificam como uma família. (SCHNEIDER, 2008, p. 02)

Algumas variáveis que contribuem para a diferenciação da pluriatividade são: o mercado de trabalho e infra-estrutura, superfície de terra disponível, grau de escolaridade e número de membros da família, além de sua faixa etária e renda.

A pluriatividade é capaz de promover e incrementar o bem estar e qualidade de vida rural, visto que contribui para a redução do desemprego; elevação da renda familiar; permite o acesso a bens, alimentos e serviços; redução do êxodo rural; auxílio na sazonalidade das colheitas e a execução de atividades não-agrícolas permite a obtenção de renda (SCHNEIDER, 2008).

Em vista desta nova dinâmica faz-se necessário o entendimento das razões das mudanças nas formas de ocupação no meio rural e o conseqüente aumento da pluriatividade. Schneider e Navarro (2008) apontam como razões a modernização técnico-produtiva da agricultura (que tornou os processos produtivos mais individualizados, utilizando cada vez menos força de trabalho); a terceirização agrícola (contratação de serviços de terceiros que antes eram executados no interior da exploração agropecuária); a queda da renda agrícola (a modernização da agricultura aumentou os custos de produção, em que grande parte dos produtores não conseguiram acompanhar este avanço, tornando seu produto não competitivo no mercado); e mudanças no mercado de trabalho (ampliando o leque de opções de emprego, pela descentralização industrial que busca as áreas rurais).

O desenvolvimento técnico-científico permitiu a criação de facilidades e descobertas nos mais variados ramos: transportes, alimentação, vestuário, lazer e saúde, entre outros. No mundo altamente tecnicista e urbanizado que se vive hoje, toda essa tecnologia beneficiou, por um lado, a população por meio de melhores condições de vida, abrindo um leque de opções nestes ramos e, por outro lado, transformou a sociedade tradicional numa sociedade de consumo (graças ao apelo da mídia), urbanizada (por mais de 80% da população se concentrar nas cidades) e estressada (em razão da grande agitação do cotidiano das pessoas em busca de melhores condições financeiras).

Nessa sociedade de consumo em massa o tempo livre é capturado por intermédio da fabricação, via publicidade, de novas necessidades de consumo ligadas ao lazer e turismo (MORANDI; GIL, 2000). O crescimento da busca por locais “não-urbanos” mostra que há uma grande necessidade do retorno a uma vida bucólica (reencontro de valores eliminados da vida cotidiana, recuperação da paz interior e vivência com pessoas cujos modos de vida são tidos como simples) (RODRIGUES, 2001).

As transformações advindas dos avanços tecnológicos geraram graves problemas, tanto nas cidades como no campo. O Brasil, entre as décadas de 1940 e 1980, “[...] presenciou uma inversão quanto ao local de residência da população brasileira: se pouco mais de um quarto da população era urbana em 1940, na década de 1980 o total passou dos três quartos” (CALVENTE, 2004, p. 4). Essa transformação ocorreu em razão do avanço da tecnologia ao campo, mecanizando as tarefas e provocando o êxodo de milhares de pessoas do campo para as cidades, já que não encontravam mais emprego: as máquinas haviam tomado grande parte dos postos de trabalho.

É clara a tendência do desenvolvimento de atividades não-agrícolas no meio rural como complemento da renda, nas quais o lazer e o turismo destacam-se. As transformações que vem ocorrendo no meio rural,

[...] não podem ser consideradas parte de um processo de proletarização que resulta na decadência da propriedade familiar, mas sim como uma etapa da diferenciação social e econômica das famílias agrícolas, que já não conseguem se reproduzir apenas nos espaços agrícolas do novo mundo rural que está sendo construído a partir de uma valorização de bens não tangíveis antes ignorados, como a paisagem, o lazer e os ritos dos cotidianos agrícola e pecuário. (GRAZIANO DA SILVA; VILARINHO; DALE, 2008, p. 36)

As modificações no âmbito social e econômico dinamizaram a oferta de trabalho. Em locais onde a oferta de emprego já não supria mais a mão-de-obra existente,

Essas “novas” atividades demandaram um número crescente de pessoas para dar sustentação à expansão das atividades turísticas no meio rural, o que possibilitou que os membros das famílias, liberados das atividades rotineiras da exploração agrícola, pudessem ocupar as vagas geradas na expansão do turismo rural. (MARAFON, 2006, p. 26)

Perante isso, o turismo em áreas rurais vem despontando como uma atividade não-agrícola de incremento no processo de desenvolvimento das propriedades rurais.

Turismo em áreas rurais

O termo turismo em áreas rurais ou turismo rural aparece como amplo, ao se analisar os diferentes conceitos de rural, agrário e agrícola na Geografia, e pode ser utilizado quando se faz referência a qualquer atividade turística que se desenvolve no meio rural, já no agroturismo devem ocorrer atividades que se identifiquem com as características próprias do mundo agrário. Esta diferenciação de termos ocorre porque no meio rural outras atividades acontecem, com atrativos como esportes, festas, saúde, eventos etc., que não se utilizam de atividades agrárias (CALVENTE, 2004).

Rodrigues (2003) propôs uma classificação para o turismo rural propriamente dito divididos em dois grandes grupos, relacionados basicamente ao patrimônio cultural:

- | | |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| 1) Turismo rural tradicional: | De origem agrícola
De origem pecuarista
De colonização européia |
| 2) Turismo rural contemporâneo: | Hotéis-fazenda
Pousadas rurais
<i>Spas</i> rurais
Segunda residência campestre |

Campings e acampamentos rurais
 Turismo e caça e pesca
 Turismo rural místico ou religioso
 Turismo rural científico-pedagógico
 Turismo rural etnográfico.

O turismo rural envolve características do território onde ocorre. Estas particularidades podem se tornar atrativos para a atração de visitantes. De acordo com Calvente (2004, p. 11),

[...] o turismo rural pode ter como atrativos objetos e costumes herdados do passado, que apresentam um valor simbólico. É um turismo em paisagens naturais e paisagens agrárias, trazendo um retorno ao passado rural ou indígena; é também cultural; de pequenas igrejas e museus de colheitas, festas, costumes e crenças tradicionais, romarias, artesanato e comidas típicas, valorizando os produtos específicos do local. As áreas rurais brasileiras, têm, portanto, por sua gênese e extensão, uma rica diversidade nesses aspectos, desde que o turismo rural não apresente como linha dominante a de ocorrer em um processo de imitação daquele que já existe em outros países, mas aproveite as características próprias de cada local, na riqueza da sociodiversidade e biodiversidade.

O turismo em áreas rurais, em toda a sua abrangência, pode vir a incrementar a renda de propriedades rurais, já que a população que mora nas cidades busca estabelecimentos rurais para poderem vivenciar um cotidiano diferente do seu; executando tarefas tradicionais, em contato com valores simbólicos locais. Assim, incluem-se atividades como *spas* rurais, centro de convenções, parques para prática de esportes, visita a parentes e amigos, museus, igrejas, construções históricas, festas, rodeios, gastronomia regional, artesanato e produtos alimentícios, colônias de férias, hotéis-fazenda, fazendas-hotel, esportes de natureza e condomínios rurais de segunda residência (CAMPANHOLA; GRAZIANO DA SILVA, 2008).

O turismo pode ser uma oportunidade para as pessoas das áreas rurais que procuram uma alternativa de desenvolvimento local que também valorize seu patrimônio, cultura e natureza. Como forma alternativa, as propriedades podem oferecer diversos tipos de serviços, agregando valor ao seu estabelecimento.

Vale lembrar que as atividades não-agrícolas, preferencialmente, devem servir de complementação na renda do produtor e não como a renda principal, já que, neste caso, a dinâmica do turismo é sazonal. Nas palavras de Mattei (2008, p. 02),

[...] o fato de que o turismo rural na agricultura familiar talvez tenha menos importância econômica direta (geração de emprego e renda) e maior dimensão na esfera sócio-cultural (valorização da cultura e hábitos, da trajetória histórica e dos recursos naturais) [...].

Dentro da área rural, várias modalidades de turismo podem ser desenvolvidas: turismo rural, agroturismo, turismo de aventura, turismo de saúde, turismo educativo e turismo de negócios e eventos, entre outros.

Verificam-se efeitos positivos diretos do turismo rural como aumento na oferta de emprego; melhoria do acesso à infra-estrutura básica; complemento de renda; valorização da cultura e resgate da memória local; conservação ambiental; desenvolvimento de pequenas e médias indústrias; e assim por diante.

Assim como em qualquer atividade econômica, a atividade turística pode proporcionar alguns empecilhos como degradação ambiental causada por resíduos sólidos, ruídos, depredação do patrimônio natural; aumento do trânsito de pessoas e mobilidade populacional; aumento da demanda de serviços básicos competindo com as necessidades da

população local; aumento da insegurança e criminalidade pelo aumento do fluxo de pessoas; aumento no custo de vida das comunidades envolvidas diretamente; abandono das atividades agropecuárias, deixando a cargo do turismo a exclusividade de ingresso; além da inclusão e exclusão de áreas, podendo levar ao êxodo rural (CAMPANHOLA; GRAZIANO DA SILVA, 2008).

Uma das manifestações culturais que se dá nas áreas rurais são as festas. Podem se tornar importantes para a economia e sociabilidade da população local, como também servir de atrativo para visitantes de outras localidades, como ocorre em alguns distritos do município de Londrina/PR.

Festas rurais nos distritos do município de Londrina/PR

O município de Londrina/PR possui oito distritos administrativos: Lerroville, Warta, Irerê, Paiquerê, Maravilha, São Luiz, Guaravera e Espírito Santo, além dos patrimônios. A Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento possui o Programa Vida Rural, com o objetivo de proporcionar alternativas de renda e de comercialização para as famílias rurais. Dentro deste programa, existem alguns projetos como: agroindústria familiar, Feira do Produtor, Feira de Produtos de Época, Feira Rural, capacitação para transformação de produtos, turismo rural e festas rurais, entre outros (LONDRINA, 2008).

No caso das festas rurais, foco deste trabalho, o objetivo é de serem organizadas em parceria com as comunidades rurais, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Secretaria de Cultura e outras entidades, definidas com base na análise das características das tradições culturais e produção agropecuária da localidade. Além disso, busca-se dinamizar a cultura, proporcionando opção de lazer e entretenimento nos distritos e comunidades rurais de Londrina, considerando as características locais de cada comunidade, valorizando a história e a tradição das respectivas comunidades, além da descentralização das festividades para a área rural do município.

Estas festas ocorrem desde 1994; em todo este tempo, algumas foram criadas posteriormente, outras foram extintas, mas os costumes das festividades foram mantidos na maioria dos lugares. Nos primeiros anos, quem organizava e tomava a frente era a Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, a AMETUR (Autarquia Municipal de Esportes e Turismo) e a Secretaria Municipal de Cultura, juntamente com pessoas das comunidades envolvidas. Com o tempo, as associações de moradores encabeçaram a organização, ficando a cargo dos órgãos somente a parte de apoio. Desde 2003 o projeto Festas Rurais é contemplado pelo PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura) com recursos financeiros. A infra-estrutura é custeada por esta verba e o dinheiro arrecadado durante as festividades provindos da venda de produtos beneficia as comunidades envolvidas, em alguns casos as próprias famílias se beneficiam, quando montam barracas particulares durante a festa, em outros casos a arrecadação é dirigida às obras na comunidade. Todos os anos há um calendário programado para que as festas não coincidam nas datas. Na tabela 01 encontra-se a programação preliminar dos onze eventos.

Tabela 01 - Local e período de realização das Festas Rurais

LOCAL	FESTA	REALIZAÇÃO
Distrito de Paiquerê	14a Festa do Milho	06 a 08 de fevereiro
Distrito da Warta	Festa Rural Costela Fogo de Chão	07 e 08 de março
Distrito de Irerê	Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São José	02 e 03 de maio
Distrito de Lerroville	4a Festa Rural	09 e 10 de maio
Distrito de Guaravera	Festa Rural em Homenagem ao Padroeiro São João	26 a 28 de junho
Distrito de São Luiz	15a Festa do Café e Frango	10 a 12 de julho
Distrito de Lerroville	38a Festa Rural do Bairro dos Italianos	05 e 06 de setembro
Patrimônio Limoeiro	Festa Rural Costela Fogo de Chão	08 e 09 de agosto
Patrimônio Heimtal	Festa Rural em Homenagem a São Miguel Arcanjo	26 e 27 de setembro
Patrimônio Guairacá	Festa Rural em Homenagem a Nossa Senhora Aparecida	12 de outubro
Comunidade da Usina Três Bocas	12a Festa da Mandioca	07 a 08 de novembro

Fonte: CARVALHO, 2008. **Org.:** OLIVEIRA e CALVENTE, 2009.

Segundo a proponente Joelma Carvalho (2008), o projeto Festas Rurais divulga as regiões de acordo com suas características culturais e agropecuárias mais marcantes, estimula e fortalece a cooperação e o associativismo entre as entidades organizadoras locais e cria condições para que as associações e grupos comunitários consigam recursos financeiros para aplicar em obras sociais na própria comunidade. Os festejos rurais fazem parte da identidade cultural de cada distrito/comunidade rural envolvida. Não existem outros eventos que se assemelham às festas rurais em termos de integração e fortalecimento entre moradores locais, entidades e visitantes, de acordo com análise de Carvalho.

Algumas festas do calendário foram extintas, como relata Aníbal Cruz, funcionário da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento de Londrina, que está envolvido na organização das festas desde o início e que muito contribuiu para esta pesquisa preliminar. Alguns exemplos são a Festa da Uva do distrito de Guaravera (em razão da queda na produção da uva) e a Festa da Leitoa no distrito da Warta (porque a leitoa não era a produção destaque da área), mas, ao mesmo tempo, como já possuíam a tradição das festividades, foram criadas outras denominações para as festas, no caso de Guaravera e Warta tornaram-se “Festa Rural”.

As festas incluem barracas com venda de comidas tradicionais do local, palco com atividades musicais, teatro, palhaços e dança, sendo todos os artistas da região para poderem divulgar seu trabalho. Os visitantes participam do almoço e tem atividades até o final do dia para entretenimento. A duração das festas depende de cada distrito, variando entre um a três dias de comemoração.

Segundo Joelma Carvalho a união das atividades agropecuárias dos distritos/patrimônios e apresentações culturais tem obtido um grande resultado, facilitando o acesso do público local e visitantes, uma vez que a população local não sente a necessidade de sair de seu local de vivência para ter momentos de lazer na cidade. As comunidades passam a valorizar sua identidade cultural e a apoiar as diversas manifestações culturais.

A cada ano espera-se um maior aumento no número de visitantes, visto que muitas destas festas já são tradição na região, algumas delas até com repercussão estadual com divulgação nas redes de televisão, como a Festa da Mandioca da Usina Três Bocas, a Festa do Milho do distrito de Paiquerê e a Festa do Café e Frango do distrito São Luis (CARVALHO, 2008).

Neste ano de 2009, de 06 a 08 de fevereiro, foi realizada uma das festas do calendário anual: a 14ª Festa do Milho do distrito de Paiquerê. Para dar início às pesquisas de campo, no dia 08 de fevereiro foi realizado trabalho de campo durante a festa no período da manhã e tarde com objetivo de observar e fotografar um pouco da organização da festividade: alimentação, mão-de-obra utilizada, visitantes, opções de produtos a venda e manifestações culturais, entre outros aspectos. De acordo com o Jornal de Londrina (FESTA DO MILHO, 2009), mais de 35.000 pessoas participaram nos três dias de festa (Figura 01). Segundo o organizador do evento, Josias Pereira da Silva, em entrevista ao Jornal de Londrina, além do almoço no domingo que arrecadou fundos para a reforma da Igreja Católica local, nas barracas de comidas também houve grande procura pelos visitantes por produtos como curau, bolo, pamonha, suco de milho etc. (Figura 02).



Figura 01: 14ª Festa do Milho no distrito de Paiquerê. **Autor:** OLIVEIRA, 2009.



Figura 02: Barracas com produtos fabricados com milho. **Autor:** OLIVEIRA, 2009.

Com o decorrer da pesquisa, outros trabalhos de campo serão realizados, nas festas nos distritos já mencionados, para observação da dinâmica local. Além disso, serão feitas entrevistas com pessoas envolvidas na organização das festividades, tanto residentes do

município quanto membros das entidades municipais, como também com os frequentadores das festas, sendo população local ou visitantes de outras áreas.

Considerações finais

Muito se tem ainda que investigar sobre dinâmica das festas rurais e a relação destas com a cultura e economia local. Os dados levantados até o momento permitem constatar que é possível o envolvimento da população local nestas festividades. Além de aprofundar a verificação deste aspecto, buscar-se-á também analisar se há realmente envolvimento entre a população local e os visitantes, talvez permitindo a troca de experiências.

A realização destas festas rurais nos distritos, além de proporcionar à população local momentos de lazer, também pode contribuir para a valorização de sua cultura e ser uma fonte de renda a ser revertida em melhorias na comunidade. A cooperação entre variados grupos e lideranças permite que os indivíduos consigam se beneficiar, gerando um sentimento de afeto com o local em que vivem.

A contribuição do compreender o lugar é para entender a relevância do patrimônio cultural imaterial de comunidades e grupos em função do ambiente em que vivem, de sua interação com o meio rural, gerando um sentimento de identidade e continuidade, pelo resgate dos costumes tradicionais, também importantes para o entendimento da motivação do visitante de tais festividades.

Referências

- ALENTEJANO, P. R. R. O que há de novo no rural brasileiro? **Terra Livre**, São Paulo, n. 15, p. 87-112, 2000.
- ANDRADE, J. V. **Fundamentos e dimensões do turismo**. São Paulo: Ática, 2001.
- BATISTA, C. M. Memória e identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 5, n° 3, p. 27-33, 2005.
- BECKER, B. Políticas e planejamento do turismo no Brasil. In: YÁZIGI, Eduardo; et al (org). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 181-192.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 6ª ed. atual. São Paulo: SENAC, 2001.
- BEZERRA, A. C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n° 23, p. 7-18, jan/jun de 2008.
- CALVENTE, M. del C. M. H. **Turismo e excursionismo rural: potencialidades, regulação e impactos**. Londrina: Humanidades, 2004.
- CAMPANHOLA, C.; GRAZIANO DA SILVA, J. **Panorama do turismo no espaço rural brasileiro: nova oportunidade para o pequeno agricultor**. Disponível em <<http://www.eco.unicamp.br/pesquisa/NEA/pesquisas/rurbano>> Acesso em 20 out 2008. s/p.
- CARVALHO, J. A. de S. (org). **Festas rurais**. Londrina, 2008. Trabalho não-publicado.
- CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORREA, R. L. (orgs). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 89-117.
- CORRÊA, R.L. Geografia cultural: passado e futuro – uma introdução. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). **Manifestações da cultura do espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 49-58.

CRUZ, A. V. da. Entrevista. Londrina, 28 jan 2009.

FERREIRA, L. F. O lugar festivo – a festa como essência espaço-temporal do lugar. **Espaço e cultura**, UERJ, RJ, n. 15, p. 7-21, jan/jun de 2003.

FESTA DO MILHO reúne 35 mil em Paiquerê, **Jornal de Londrina**, Londrina, 10 fev. 2009. Caderno Cidade, p. 10.

FIGUEIREDO, A. M. L. A função turística do patrimônio: questionamentos sobre a idéia de sustentabilidade do turismo cultural. **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 5, n° 4, p. 43-49, 2005.

GRAZIANO DA SILVA, J. O novo rural brasileiro. **Nova Economia**, Belo Horizonte, 7 (1), p. 43-81, maio 1997.

_____. **Velhos e novos mitos do rural brasileiro**. Disponível em <<http://www.grupochorlavi.org>> Acesso em 12 nov 2008. s/p.

_____.; VILARINHO, C.; DALE, P. J. **Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil**. Disponível em <<http://www.eco.unicamp.br/pesquisa/NEA/pesquisas/rurbano>> Acesso em 20 out 2008. s/p.

LONDRINA. Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento. **Programa Vida Rural**. Disponível em <http://home.londrina.pr.gov.br/home_novo.php?opcao=agricultura&item=vidarural> Acesso em 12 nov 2008. s/p.

MATTEI, L. **Agricultura familiar e turismo rural: evidências empíricas e perspectivas**. Disponível em <<http://www.nead.org.br>> Acesso em 06 mai 2008. s/p.

MARAFON, G. J. Agricultura familiar, pluriatividade e turismo rural: reflexões a partir do território fluminense. **Campo-território: Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 17-60, fev 2006.

MORANDI, S.; GIL, I. C. **Espaço e turismo**. São Paulo: Copidart, 2000.

PIMENTEL, A. C. B. Parintins: cultura e turismo. In: FARIA, Ivani Ferreira de (coord). **Turismo: lazer e políticas de desenvolvimento local**. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001. p. 149 - 158.

REICHERT, I. C. Legado cultural e turismo: sobre lugares, memórias e outras histórias. In: ASHTON, M. S. G. (org). **Turismo: sinais de cultura**. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2001. p. 39-51.

RODRIGUES, A. B. Turismo eco-rural: interfaces entre o ecoturismo e o turismo rural. In: ALMEIDA, J. A.; FROELICH, J. M.; RIEDL, M. (orgs). **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2001. p. 111-126

_____. Turismo rural no Brasil – ensaio de uma tipologia. In: _____ (org). **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 101 – 116.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SCHNEIDER, S. **Políticas públicas, pluriatividade e desenvolvimento rural no Brasil**. Disponível em <<http://www.alasru.org/cdaldasru2006/21%20GT%20Schneider-Sergio.pdf>> Acesso em 20 out 2008. s/p.

SCHNEIDER, S.; NAVARRO, Z. **Agricultura e novas formas de ocupação no meio rural: um estudo sobre as tendências recentes**. Disponível em <<http://www.portaldoagrovot.com.br>> Acesso em 08 nov 2008. s/p.